Pedro Siqueira

Autor de TODO MUNDO TEM UM ANJO DA GUARDA

Cenhoga Para enfrentar o medo, a melhor arma é a fé SEXTANTE

Copyright © 2019 por Pedro Siqueira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

> As passagens bíblicas deste livro foram retiradas da Edição Pastoral da Bíblia Sagrada, da editora Paulus, e da Bíblia Sagrada da editora Ave-Maria.

> > copidesque Gabriel Machado

revisão Hermínia Totti e José Grillo

projeto gráfico e diagramação DTPhoenix Editorial

capa Angelo Allevato Bottino

imagem de capa Vololibero / Shutterstock

> foto do autor © Roberto Filho

adaptação para e-book Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RI

S632s

Siqueira, Pedro

Senhora do sol [recurso eletrônico]/ Pedro Siqueira. Rio de Janeiro: Sextante, 2019. recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-431-0758-5 (recurso eletrônico)

Ficção brasileira.
Livros eletrônicos.
Título.

19-56383 CDD: 869.3 CDU: 82-3(81)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por GMT Editores Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo 22270-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2538-4100 - Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@sextante.com.br www.sextante.com.br Para meus pais, Pedro Paulo e Dulce Maria, com amor e agradecimento pela educação recebida.

Sumário

Capítulo I – Destino

Capítulo II - Luzes

Capítulo III - Conflitos

Capítulo IV - Pela metade

Capítulo V - Chamado de Deus

Capítulo VI - Anjos

Capítulo VII - Honra

Capítulo VIII - Lutar

Capítulo IX - Encontro

Sobre o autor

Informações sobre a Sextante

CAPÍTULO I



Destino

Depois de cinco horas ininterruptas de viagem, o carro começou a passar por pastos e belas paisagens. Não se viam mais os povoados medievais. O motorista estava tenso. As rugas na testa e nos cantos dos olhos eram realçadas pelas frequentes caretas de insatisfação e cansaço.

Onde estou? Será que não vou chegar nunca? –
perguntava em voz alta, fitando o painel do carro.

Ele olhava para todos os lados, procurando algum ponto de referência.

Por fim, o solitário sacerdote avistou uma plaqueta de madeira: Strada Provinciale. Sorriu e deu um tapa no volante com toda a força. Apenas dez minutos antes, estava prestes a aceitar que não chegaria tão cedo ao destino. Já planejava encontrar alguma pousada para passar a noite, pois estava

perdido entre o mar Adriático e o interior da região de Foggia. Agora, a incômoda situação acabara de mudar.

"Quando se olha o mapa, tudo parece tão simples...", pensou, mirando o vasto campo esverdeado pela janela fechada do pequeno automóvel, com um sorriso de canto de boca. Olhando para trás, tentou enxergar algum outro ser humano. Não havia mais ninguém além das vacas que pastavam com tranquilidade.

Pelo mapa da região e pelas orientações que lhe foram dadas em Roma, escritas de improviso em um papel qualquer, daquele ponto em diante bastava seguir uma linha reta. Tudo se simplificara em poucos instantes.

"Deus é bom!", pensou, aliviado.

E imaginar que, inicialmente, havia recusado o mapa oferecido pelo funcionário na loja de aluguel de carros. Estufando o peito com empáfia, dissera ao italiano:

– Para que esse pedaço de papel se hoje tenho toda a tecnologia em meu celular? Já ouviu falar de GPS?

Irritado, o homem retrucou, sem nenhuma diplomacia:

– Senhor, parabéns por sua tecnologia, mas se não quiser ficar perdido no meio do nada, com seu celular caro e suas malas, leve este mapa também. Escrevi no verso as orientações. Turisti...

De fato, durante o percurso, em algumas localidades, não havia sinal de celular. O pedaço de papel o salvara.

Poucos minutos o separavam do ponto de chegada. Mais tranquilo, encostou o carro para relaxar. Saltou e observou melhor o caminho à frente. Avistou, a distância, o monte Gargano. Aos pés dele, identificou o início da estrada

sinuosa que, segundo as instruções recebidas, o levaria até o cume. No topo, enfim, encontraria os muros da minúscula cidade de Monte Sant'Angelo, onde passaria uma temporada. Seu coração adotou novo compasso, mais sereno.

"Depois de tantas horas dentro deste carro, não aguento mais. Se pudesse, o largaria aqui e iria a pé. Mas preciso resistir. Ainda faltam alguns minutos", refletiu, cansado.

Olhou para o céu e inspirou fundo. Então, abriu a porta do carro e deu a partida. Sua mente se fixou nos acontecimentos que o incomodavam havia meses. Antigas perguntas continuavam a martelar: Existe destino? É possível mudá-lo? Será que minha derrota já está sacramentada? Um ano tinha se passado, mas os problemas, que se iniciaram em um fim de tarde, ainda ameaçavam destruir tudo o que construíra com enorme esforço.

"Como está frio aqui! Raniero me avisou que, nesta época do ano, a temperatura era baixa, mas não dei importância", lamentou-se o sacerdote brasileiro, enquanto o carro seguia devagar.

Deixando de lado o sofrimento por um tempo, a mente de José se deteve na figura de Raniero. Era um italiano de 50 anos que havia se ordenado padre aos 25. Nascera naquela região, Foggia. Seus dois irmãos eram sacerdotes, e suas três irmãs, freiras. Tratava-se de um homem bem-humorado, em quem se podia confiar em qualquer hipótese. Enfrentava as situações do cotidiano com uma leveza especial, sempre sorrindo e fazendo piadas. Seu maior defeito era a gula. Não resistia a um bom prato, sobretudo se acompanhado por um vinho da Toscana.

"A casa de meu grande amigo Raniero é minha última esperança. Quer dizer, a casa não é dele. Ele é apenas o administrador, o padre prior daquela comunidade. É a residência do arcanjo mais poderoso do universo!"



José começou a se lembrar do primeiro dia em que almoçou com Raniero. Os dois tinham acabado de concelebrar a missa do meio-dia na capela da universidade onde José lecionava.

- Quer dizer que você veio da Itália para aprimorar o português aqui, na universidade?
- Sim. Estou matriculado no curso de português para estrangeiros.
 - Me conte um pouco da sua história pediu José.
- Sou o caçula da família. Todos os meus irmãos seguiram a vocação religiosa, assim minha mãe concentrou em mim sua esperança de se tornar avó. Raniero parecia se divertir com a própria história. Eu tinha um amor especial por ela e não queria desapontá-la, mas o chamado ao sacerdócio era algo que eu considerava seriamente.
 - Imagino a dificuldade que deve ter sido.
- Um dia, ao voltar do médico, minha mãe me chamou ao seu quarto. Após se sentar em sua poltrona predileta, me comunicou que estava com câncer de mama. Percebendo como fiquei abatido, disparou: "Raniero, você é minha última chance de eu ter um neto, antes de partir para junto de Deus."

- Nossa, ela pegou pesado!
- Muito. Você não sabe como são as matronas italianas disse Raniero, rindo. – O problema é que, naquela época, já havia decidido ser padre. Como o momento era complicado, decidi não contar logo à minha mãe.
 - Como fez, então?
- Consegui um emprego no comércio local, como gerente de uma loja de ferragens. Foi uma etapa dura da minha vida, pois, naquele mesmo ano, um grande amigo meu ingressou na ordem franciscana.
 - Sua mãe ficou curada? perguntou José.
- Ela fez mastectomia e ficou bem. Mas, então, ocorreu algo inesperado. Um dia, enquanto caminhava para o trabalho, comecei a sentir fortes dores abdominais. Precisei ir ao médico da cidade. Ele pensou que se tratava de uma úlcera ou coisa similar. Prescreveu uma medicação. Os remédios não deram resultado e, numa sexta-feira, acabei indo parar na emergência de um hospital de Bari e fui internado. Quando os exames ficaram prontos, os médicos constataram um câncer no meu intestino, em grau avançado. A equipe médica não acreditava muito em minha recuperação. Minha família ficou apavorada.
 - Você achou que fosse morrer?
- Sinceramente, não pensava na minha morte. Em minha cabeça, apenas um pensamento era dominante: queria me tornar sacerdote antes que fosse tarde demais. Aproveitei que a família estava toda ao meu redor no hospital e revelei que meu maior desejo era me tornar padre.
 - Como sua mãe reagiu?

- Meus irmãos comemoraram de imediato. Disseram que Deus iria me curar para que eu fosse mais um discípulo em sua obra no mundo. Meus pais permaneceram calados. Olhei nos olhos de minha mãe e lhe pedi a bênção. Ela ficou alguns segundos em silêncio, depois assentiu, aos prantos. Pronto, estava livre para seguir meu caminho! O único problema era minha doença fatal.
 - Um problema considerável, não é? indagou José.
- Na verdade, foi a solução. Por causa da doença, São Miguel entrou em minha vida.
 - Como?
- O capelão do hospital era um padre miguelino de idade avançada. Pedi que ele me visitasse, para eu me confessar. Após me dar a absolvição dos pecados, ele fechou os olhos e ficou um instante calado. Com a voz baixa, me perguntou: "Se o general da milícia celeste providenciar sua cura, você aceita se tornar um dos sacerdotes miguelinos?" Sem pestanejar, respondi que seria uma grande honra. Sem abrir os olhos, o padre se levantou e iniciou uma bela oração, clamando pelo poder do arcanjo guerreiro. Senti minha pele se arrepiar e, ao lado do sacerdote, vi surgir uma luz oval, mais alta do que ele, de tom vermelho-claro. Pensei que estava tendo uma alucinação. Esfreguei os olhos, mas a visão não se dissipava.
 - Você costuma presenciar fenômenos místicos?
- Não respondeu Raniero, sério. Depois de aproximadamente um minuto, vi parte daquela luz tomar a forma de uma espada e atingir em cheio minha barriga. Foi

uma dor lancinante. O sacerdote encerrou a oração e chamou os enfermeiros.

- Quem era o padre?
- Padre Istvan, um dos grandes homens santos de nossa ordem.
 - Meu Deus, você recebeu a bênção das mãos dele?!

José já ouvira falar do sacerdote, pois tinha fama de milagreiro.

- Naquela época, eu não fazia a menor ideia de quem ele era. Diante do fenômeno no quarto do hospital, obviamente notei que não era um homem comum. No dia seguinte, quando acordei, me avisaram que teria de passar por uma cirurgia delicada, para a retirada do tumor no intestino. Concordei e lhes informei que estava pronto.
 - Você teve medo?
- Um pouco. Quando os médicos me abriram para extirpar o tumor que me devorava o intestino, nada encontraram.
- Impressionante! exclamou José. Não havia nada em você? Nem uma ferida?
- Meu estado era excelente. A equipe ficou pasma. Começaram a analisar todos os exames feitos naquele hospital, nos dias que antecederam a intervenção. Em cada um deles, estava claro que eu não tinha grandes chances de sobrevivência. Assim que o efeito da anestesia passou, todos os médicos vieram me ver no quarto. Queriam me comunicar que meu estado de saúde era perfeito, mas que não tinham uma explicação para o acontecimento. Com alegria, falei que podia esclarecer tudo. Contei-lhes sobre

meu encontro com padre Istvan, porém eles não acreditaram no milagre.

Co

Havia algum tempo, antes mesmo do infortúnio que o abatera, José trazia consigo o desejo de passar alguns meses com seu amigo na Itália. Um período de descanso, oração e estudo. Infelizmente, sua futura estada em Foggia não era fruto de uma situação agradável.

Virando o retrovisor, o sacerdote checou sua imagem. Estava de terno e sapatos pretos e, na gola da camisa branca, via-se o colarinho clerical. Parecia razoavelmente alinhado, apesar da longa viagem. José queria passar boa impressão na chegada. Não se tratava de mera vaidade: havia aprendido com gente importante que um padre sério precisava se apresentar bem. O problema, no entanto, era o frio.

Não possuía um terno apropriado para temperaturas tão baixas. No Rio de Janeiro, onde morara nos últimos anos, os termômetros não se aproximavam nem dos 10 graus. A calefação do automóvel amenizava um pouco o frio, mas não era suficiente. Melhor teria sido se agasalhar da forma adequada, construindo camadas de proteção por baixo da camisa social branca. Infelizmente, tal providência ficaria para os outros dias. Naquele momento, não valia mais a pena abrir o porta-malas para procurar vestimentas quentes.

Tão logo começou a subida do monte, José sentiu que o pequeno Cinquecento engasgava, perdendo força. Parecia contrariar o desejo que ocupava a mente do sacerdote:

chegar logo. Depois de lutar contra o veículo por alguns minutos, o padre desistiu. Evitando que o carrinho morresse antes de completada a missão, decidiu engatar a primeira marcha, a única que parecia atender às necessidades do frágil motor. "Carro italiano... Por que não aluguei um automóvel alemão?", pensou, aborrecido. Depois, se tocou de que o problema não estava na nacionalidade do veículo, afinal um dos mais rápidos e potentes do mundo era o Lamborghini, um esportivo caríssimo fabricado na Itália.

Como dizia o ditado, "devagar se vai ao longe". Além disso, as curvas surgiam, intermináveis, em ângulos muito fechados. Maior velocidade, naquelas condições, seria imprudência. Sim, desde garoto, a prudência era uma de suas qualidades, a ponto de irritar sua mãe.



- Deixe de ser medroso. Pule logo nessa água! Todo mundo está olhando e você está me envergonhando!
- Não dá para ver o fundo respondeu o menino, desconfiado.
- Pule em pé, então. Ninguém se machucou. Seus amigos todos já estão na água. De onde veio esse seu lado medroso? De mim é que não foi. Só pode ter sido do seu pai.
- Mesmo caindo em pé, se estiver muito raso, posso me machucar sério. Amanhã nosso time tem uma partida importante, pelo campeonato de futebol dos colégios, e não quero ficar de fora por nada deste mundo, mãe.
 - Vou ter que ir até a borda e te empurrar? Vai ser pior!

Com a cara fechada, Olga começou a andar, como um soldado marchando para o combate. Imediatamente, percebendo que não havia muita escolha, José respirou fundo e, com as pernas flexionadas e os braços encolhidos junto ao peito, pulou na piscina de águas naturais de coloração marrom.



A lembrança fez com que José relaxasse um pouco mais ao volante, abrindo um sorrisinho. Voltando sua atenção para a estrada estreita e sinuosa, percebeu que, desde o início da subida, nenhum veículo o havia ultrapassado nem descido a montanha em sentido contrário. Sua irritação, ele finalmente admitiu, não fazia justiça ao percurso, belo como um quadro renascentista. Precisava dominar o mau humor antes da chegada.

Durante toda a sua vida, ele tentara prevenir riscos. Sempre procurou pensar com calma cada passo a ser dado, detendo-se em análises demoradas de cada variante. Tinha o hábito de examinar exaustivamente as hipóteses que poderiam resultar em um problema. Era um homem bastante precavido com suas palavras e atos. Como, então, podia se encontrar naquela situação tão grave?

"Meu Deus, como isso pôde acontecer na minha vida? Logo quando minha carreira estava no auge!", pensou, tirando a mão esquerda do volante e esfregando a testa de leve. Esforçou-se para relembrar algum fato mais recente que indicasse uma mudança nessa postura cautelosa. Além do funesto erro, não recordou nada reprovável nesse sentido.

Parecia que, sem motivo aparente, a mão de Deus havia descido com força sobre sua cabeça. Um teste de mau gosto. Olhando em retrospecto, José começava a desconfiar que teria passado por aquela situação desagradável de qualquer maneira, não importando se as escolhas que fizera, nos momentos anteriores à derrocada, tinham sido ou não as melhores. Talvez existissem resultados absolutamente imprevisíveis na vida de um homem. Aquilo que o povo humilde de sua paróquia natal chamava de destino, no qual ele sempre se recusara a acreditar.



A mente de José retrocedeu mais longe no tempo, detendose no diálogo travado na casa de seus pais, 25 anos antes.

- Vou aprender italiano, mãe.
- Para quê? Seria melhor que aprimorasse seu inglês, que, aliás, anda macarrônico. Além disso, não me lembro de nenhum sociólogo italiano famoso. Então por que falar italiano? – questionou Olga, sarcástica.
- Macarrônico? De onde você tirou isso? Obtive todos os diplomas possíveis do inglês! E como não existe sociólogo italiano famoso? E o Domenico De Masi? Não diga uma coisa dessas por aí, vão pensar que lhe falta cultura.
- Quem é esse? Tem nome de cantor famoso. Ela deu uma risada. – Pouco importa. Gosto mesmo é do Peppino di